

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

Celebrando a sexualidade

CARLOS TADEU GRZYBOWSKI

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

Celebrando a sexualidade



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 1998 by Carlos Tadeu Grzybowski

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

Foto da Capa:
Alexandra Bennett (Stock Photos)

1ª Edição: *Outubro de 1998*

2ª Edição: *Abril de 2000*

Revisão:
Antônio Carlos W. C. Azeredo
Délnia M. C. Bastos

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

G895m
1998

Grzybowski, Carlos Tadeu, 1960-
Macho e fêmea os criou; celebrando a sexualidade /
Carlos Tadeu Grzybowski. — Viçosa : Ultimato, 1998.
136p.
ISBN 85-86539-16-3

1. Sexo (Psicologia). 2. Sexo - Aspectos religiosos. 3.
Sexo na Bíblia. I. Título.

CDD. 19.ed. 155-3

CDD. 20.ed. 155-3

2000

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (31) 891-3149 - Fax: (31) 891-1557

E-mail: ultimato@homenet.com.br

"ESTA, AFINAL, É OSSO DOS MEUS OSSOS E CARNE DA MINHA CARNE;
CHAMAR-SE-Á *ISHA*, PORQUANTO DO *ISH* FOI TOMADA."
(Gn 2.23 — texto adaptado.)

*À minha querida esposa Dagmar, fonte
perene de estímulo e inspiração e a mais
excelente companheira de amizade nesta
jornada de descoberta e vivência de uma
sexualidade saudável.*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Apresentação</i>	15
1. ONDE ELE APRENDEU ISSO?	19
2. ESTÁ ESCRITO NA BÍBLIA?	37
3. DEUS FEZ TUDO FORMOSO	49
4. O QUE FAZEMOS AGORA?	63
5. A GENTE NASCE GAY?	73
6. E OS HORMÔNIOS ENTRAM EM FUNCIONAMENTO!	85
7. DEUS É A FAVOR DAS PROSTITUTAS!	97
8. A PROPAGANDA É A ARMA DO NEGÓCIO	107
9. A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO NA SEXUALIDADE	115
10. ESPELHO, ESPELHO MEU...	125
<i>Bibliografia</i>	133

AGRADECIMENTOS

É ilusório pensar que se escreve um livro com inspiração individual. São os somatórios das nossas vivências ao longo do existir que nos vão municiando o conhecimento que vai sintetizado nas páginas a seguir.

São muitas as pessoas que contribuíram para este municiamento, e nomeá-las todas provavelmente ocuparia uma quantidade significativa de páginas. Todavia, eu não poderia deixar de citar aqueles nomes que tiveram marcas inegáveis na construção deste livro.

O primeiro e mais significativo de todos os agradecimentos é ao meu querido pastor Angus Leroy Plummer, que graciosamente abriu as portas de seu coração, sua casa e seu ministério entre mães solteiras e mulheres marginalizadas — o Recanto da Paz — para que ali eu desenvolvesse um trabalho de aconselhamento ao longo de 10 anos. A meu querido Pr. Angus, verdadeiro mestre, minha eterna gratidão por ensinar-me a ver a vida, a sexualidade e a espiritualidade com outra perspectiva — a da graça de Deus!

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

Outra pessoa que eu não poderia deixar de citar é meu grande amigo e “irmão mais velho”, que, com sua genialidade e espírito de luta pela justiça em todos os seus aspectos, sempre me serviu de inspiração. Trata-se do querido Dr. Ageu Heringer Lisboa, a quem me considero eterno devedor. Primeiro, por ter acreditado em mim quando eu ainda era um inexperiente estudante de Psicologia. Segundo, por seu pioneirismo e ousadia em tratar de delicados temas pertinentes à sexualidade em épocas nas quais só o pensar sobre o assunto era considerado pecaminoso, procurando sempre integrar os conceitos científicos aos princípios bíblicos, acreditando sempre na Igreja como comunidade terapêutica.

A vocês minha sincera gratidão e meu eterno carinho.

CURITIBA, SETEMBRO DE 1998.

Carlos “Catito” Grzybowski

PREFÁCIO

Certo dia fui a uma papelaria comprar um cartão de aniversário para minha filha. Fiquei admirado com a imaginação das pessoas que criam esses cartões. Estava entretido procurando algo adequado, quando meus olhos se depararam com um cartão escrito “SEXO” em letras vermelhas garrafais. Minha curiosidade, então, levou-me a abri-lo para ver o que estava escrito na parte de dentro. Era o seguinte: “Agora, que captei sua atenção, quero desejar-lhe um feliz aniversário!”

Sexo realmente chama nossa atenção. Por quê? A resposta é simples: somos seres sexuais. Não há outra forma de vivermos nesse mundo a não ser como homens ou mulheres, machos ou fêmeas. Nossa sexualidade afeta a própria forma como enxergamos a nós mesmos, como interagimos com as outras pessoas e até em como nos relacionamos com Deus. Nossas emoções, pensamentos, sensações físicas, afeições, anseios por determinados relacionamentos e até nossa forma de tratar os que nos rodeiam são diferenciados pelo fato de sermos homens ou mulheres.

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

Por que Deus nos fez desse jeito?

Além da óbvia função de procriação, a sexualidade é a chave para a natureza de Deus e para sabermos como desejar que nos relacionemos com Ele e com os outros.

Sexualidade implica mais relacionamento do que sexo. A humanidade é um coletivo porque, de certa forma, o Deus trino também deve ser entendido como coletivo. Fomos criados à sua imagem, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Sexualidade, então, é um assunto de grande importância, não somente por vivermos em uma sociedade explicitamente saturada por ela, mas, principalmente, por ser o elemento fundamental da razão de termos sido as primeiras criaturas criadas por Deus.

Hoje, porém, a voz do nosso Criador tem sido muitas vezes distorcida. As vozes da nossa cultura, das nossas experiências e do nosso próprio quebrantamento decodificaram-na em mensagens confusas e distorcidas, de forma que freqüentemente não sabemos o que acreditar sobre nós mesmos. O autor, no primeiro capítulo do livro, aborda muito bem as origens dessas mensagens.

Qualquer lugar que olhemos, nossa cultura nos passará mensagens e imagens que manipularão nossos desejos naturais. O sexo vende, estimula e desvia nossa atenção. As vozes de nossa sociedade chegam até nós de forma alta e clara. O que elas dizem?

A voz mais alta diz que a realização sexual é a chave para a felicidade. Rapazes e moças que, ao terminarem a faculdade, ainda estiverem virgens são considerados "ET's". A mensagem é: "Você não pode se considerar uma pessoa realizada se não tiver uma vida sexual excitante". Outra mensagem diz que o sexo é puramente recreativo, visando somente o prazer, não devendo ser levado a sério. É uma função normal, biológica, que deve ser suprida como as necessidades de comer e beber. Essa mensagem diz tam-

PREFÁCIO

bém que não importa quando, com quem e de que forma o sexo é realizado, desde que seja prazeroso.

As vozes da cultura dizem que não há uma ligação real do sexo com o compromisso do casamento. No sexo recreativo os parceiros tornam-se bonecos para brincar. Esse conceito é aplicado diariamente nas escolas brasileiras por meio do “ficar”. As práticas sexuais não se destinam ao casamento, mas ocorrem com base no que “sentimos” ou naquilo de que “precisamos”. Parte-se do pressuposto de que os casais de namorados dormem juntos antes do casamento e que os solteiros não comprometidos possuem uma vida sexual ativa.

As vozes de nosso quebrantamento também nos falam em alto e bom som. Desde a hora de nosso nascimento começamos a receber mensagens distorcidas sobre nossa sexualidade. Muitas vezes elas procedem de nossos próprios pais, que também se sentem desconfortáveis e confusos sobre a própria sexualidade. Muitos de nós, por exemplo, aprendemos desde cedo os nomes corretos das partes de nossos corpos, com exceção dos órgãos sexuais. Isso passa a mensagem que, de alguma forma, essas partes são misteriosas, constrangedoras ou sujas.

Na adolescência, uma pergunta é praticamente comum a todos dessa faixa etária: “Será que sou normal?” Durante essa fase os jovencinhos vão acordando para uma enorme variedade de experiências, que incluem descobertas sexuais, masturbação, sexo pré-nupcial, pornografia etc. Geralmente, certos padrões de comportamento sexual são estabelecidos nesse período e resultam em medos interiores e confusão que perduram por toda a vida. Infelizmente, há uma grande porcentagem de crianças e adolescentes que acabam sendo vítimas de abuso sexual.

Todos nós vivemos sob a influência dessas vozes — da nossa cultura, das experiências pessoais e do nosso quebrantamento, as quais nos causam impactos negativos.

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

Mesmo em vista de tudo isso, não devemos desanimar. Há também a clara e alta voz do Criador, por meio de sua Palavra (Bíblia). Carlos foi muito feliz em nos dar uma clara exposição bíblica dos princípios e propósitos de Deus para nossa sexualidade e também em apresentar, de forma muito preciosa, o toque restaurador de sua graça, que pode iniciar uma restauração sexual e emocional em nós e em nossos relacionamentos.

Por tudo isso, louvo ao Senhor por meu amigo Catito — Carlos Grzybowski, que tem sido usado por Deus para ministrar sua Palavra e graça a centenas de pessoas por meio de palestras, aconselhamentos e literatura.

Em *Macho e fêmea os criou* Carlos apresenta uma séria reflexão a respeito dos aspectos da saúde emocional vinculados à sexualidade no contexto da cultura brasileira, oferecendo uma base bíblica clara. Creio que esta obra é uma rica contribuição para uma cura terapêutica dos traumas pessoais do nosso povo.

Este livro é certeza de boa leitura.

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1998.

Jaime Kemp

APRESENTAÇÃO

A adolescente de 16 anos vem ao meu consultório. Rostinho de boneca de porcelana. Líder dos jovens em sua igreja, filha de respeitável profissional e família cristã zelosa, de classe média, com relativa estabilidade financeira. Está com depressão!

O que poderia levar uma jovem com uma vida promissora pela frente a entrar num processo de depressão em tão tenra idade? Logo vem a resposta: um aborto!

Filha de médico, não desconhecia os métodos contraceptivos. Filha de presbítero, não desconhecia os princípios “contraceptivos” da Palavra de Deus. Agora o sentimento de culpa a acompanha e a joga em depressão.

Triste realidade com a qual quase diariamente tenho de confrontar-me em meu consultório de psicologia. Jovens, saudáveis, inteligentes, com suas vidas marcadas por investidas incoseqüentes em relacionamentos sexuais furtivos.

Fruto de propaganda massiva? Dos novos tempos sem tabus? Da revolução sexual do século XX? Das *Globonovelas*?

Da energia instintual canalizada para a satisfação e não mais reprimida? Talvez de todas essas coisas em conjunto e um pouco mais. A verdade é que a liberdade sexual apregoada no início dos anos 60 (sexo livre) tornou-se em libertinagem sexual e invadiu com força os rincões da Igreja cristã. Adolescentes de 14, 15, 16 anos já não se constrangem em apresentar-se como *experts* em matéria de sexo, gerando até certa competitividade de *performance* — quer entre rapazes quer entre moças.

“Ficar” é a mais nova tradução dessa conduta de transitoriedade, em que o que impera é o prazer dos sentidos. Virgindade é termo da história, para alguns semelhante a *Tiranossaurus Rex*.

Essa nova conduta adotada pelos adolescentes exige de nós, pais e educadores, uma análise séria. Os legalismos funcionais de outras épocas já não têm espaço nas mentes críticas de nossos jovens e ricocheteiam com intensidade contra aqueles que lhos querem impor.

Que fatores levam os jovens a tais condutas? Que seqüelas tais condutas terão para o futuro? Que papel a Igreja cristã tem nesse processo? São questões para reflexão séria, sobre as quais me proponho a tecer idéias neste livro.

Não pretendo nas páginas seguintes fazer uma listagem do que é permitido ou proibido, mesmo porque há uma variedade de interpretações entre aqueles que se denominam cristãos, que seria impossível condensar tal diversidade num pensamento único. Há os que incluem o tipo de vestimenta como elemento da sexualidade, há os que associam certos ambientes naturais (como praia, lagos etc.) com a sexualidade; enfim, a oferta de mercado é ampla e irrestrita, e não é meu desejo ser mais um a interpretar textos e delimitar condutas.

APRESENTAÇÃO

Outrossim o que proponho é instrumentalizar uma reflexão séria a respeito dos aspectos de saúde emocional vinculados à sexualidade, não absolutizando a interpretação bíblica, mas gerando recursos para que ela seja séria e divinamente iluminada, na perspectiva central da Reforma, em que uma das crenças básicas é de que Deus fala diretamente à suas criaturas, sem a necessidade de sacerdotes intermediários que condicionem toda e qualquer interpretação a seus dogmas, experiências e até traumas pessoais.

1.

ONDE ELE APRENDEU ISSO?

Rafael entrou em meu consultório com o rubor estampado no rosto e o sorriso maroto-encabulado do pré-adolescente que traz na expressão facial toda a vivacidade da perfeição da criatura feita à *Imago Dei*.

A mãe, com os olhos que lhe saltavam pelas órbitas, ao contrário, tinha a expressão transtornada e abatida, como que recém-emergida de uma catástrofe ou como alguém que escapara de um acidente letal por frações de segundo.

Logo percebi que havia um jogo não-falado entre mãe e filho. Aguardei uns segundos para que as ansiedades acalmassem e serenamente inquiri o motivo de virem buscar um auxílio psicológico. A mãe desencadeou uma verborrêia entrecortada por lágrimas e soluços, sobre a vergonha que sentia por ter um reclame na escola de que seu filho estava “assediado sexualmente” suas colegas de classe. Como conclusão de seu discurso veio a pergunta — mais provavelmente dirigida a si mesma: Onde ele aprendeu isso?

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

Tal pergunta começou a ressoar em minha mente. Realmente devemos nos inquirir sobre como apreendemos os conceitos a respeito da sexualidade que levamos para o resto de nossas vidas, os quais com toda certeza vão influenciar ou, até mesmo, determinar nossas condutas nessa área da vida.

Todo mundo sabe alguma coisa a respeito da sexualidade — afinal de contas ela faz parte de nossa própria essência. Cada um de nós tem alguns conceitos sobre o que é certo e o que é errado, o que é saudável e o que é doentio, em termos de sexualidade.

Comecei então a pensar sobre as fontes das quais as pessoas adquirem os conceitos sobre sexualidade, sobre como formam aquilo que conhecem e sabem a respeito da sexualidade. Quais são os elementos que contribuem para formar as opiniões das pessoas?

Na verdade existem muitas fontes que reivindicam para si o direito de opinar sobre esse tema, mesmo o abordando sob diferentes pontos de vista, procuram firmar sua opinião e até, em alguns casos, menosprezar a opinião de outras fontes.

Entre as várias fontes formadoras de conceitos a respeito da sexualidade poderíamos citar: a *cultura* em que estamos inseridos; a *educação* e os *modelos* de nossa família de origem; as opiniões dos *meios de comunicação* de massa (TV, revistas, mídia em geral); as *tradições* e *ensinos* do meio religioso que frequentamos (nossa comunidade, denominação ou igreja local); a *ciência* (biologia, psicologia etc.); a nossa própria *experiência pessoal* e a *Bíblia*.

Podemos dizer que nossos conceitos acerca da sexualidade na idade adulta são o somatório de todos estes fatores — e eventualmente de alguns outros —, o que se constitui naquilo que refutamos como sendo *a verdade* no tocante ao assunto. Vejamos em linhas gerais como cada uma dessas áreas exerce sua influência.

ONDE ELE APRENDEU ISSO?

A cultura

Todos vivemos dentro de uma determinada cultura e, ao mesmo tempo, de várias subculturas, que vão influenciar nossa formação. O modelo cultural brasileiro especificamente é muito distinto de outros do mundo. Segundo a avaliação de antropólogos e cientistas das áreas de relacionamento humano, o manejo das questões de sexualidade dentro de nossa cultura ocorre de uma forma anacrônica.

Se, por um lado, a “mulher brasileira”, agraciada em formas pela miscigenação racial, é cantada em prosa e verso, como esbanjando sensualidade — sempre no estilo: “*insinuar sempre, mostrar nunca*” —, por outro lado, o homem brasileiro esbanja em machismo, desejando para relacionamento a mulher pura, santa e casta, “que saiba lavar e cozinhar” — como diz o refrão da música popular. São duas as mulheres de suas fantasias: a do desejo sexual e a serviçal — que raramente se condensam em uma só.

Esse modelo machista está arraigado na cultura desde seus primórdios. O navegador português é o protótipo do homem aventureiro, que deixa a esposa em casa administrando o lar e cuidando da educação dos filhos e parte para terras distantes. Em aqui chegando, depara-se com a nativa, descrita por Pero Vaz de Caminha em sua primeira carta ao rei de Portugal como “gente formosa e bela”. E com essa nativa o macho aventureiro procria — sem todavia constituir família. Na maioria das vezes parte deixando para trás um filho bastardo e uma mãe solteira: que será um modelo familiar sempre presente em nossa cultura.

Temos de entender que este modelo não é fruto de ações individuais daqueles que nos colonizaram — “perversos marinheiros que violentaram nossas índias” — mas que tudo ocorreu sob a proteção do Estado (que financiou o empreendimento) e a bênção da Igreja (que até mesmo enviou um sacerdote junto). Ou seja, são elementos estruturais, e não ocasionais, dentro do modelo cultural, que se perpetuam

através dos séculos.

Esse modelo cultural machista repete-se no seguimento da colonização, com as famosas entradas e bandeiras; depois com os coronéis das fazendas, que tinham nas senzalas as suas “servas sexuais”; e impera no imaginário cultural até hoje, popularizado em canções com expressões como: re-gra-três, matriz e filial etc.

A cultura determina também certas formas da expressão da nossa sexualidade. O modelo cultural mulher sensual/homem machista leva a uma prática social de relacionamento de padrão objeto, ou seja, a outra pessoa — no caso, a mulher — é vista como objeto de satisfação dos desejos do homem, e não como *pessoa* com a qual ele se relacione em níveis de igualdade e respeito. Isso influencia nossos conceitos a respeito do valor da mulher e do homem e, sem dúvida, influencia também quanto a formar opinião a respeito do que é uma vivência saudável da sexualidade, o que contribui para práticas sexuais doentias.

Essa de-formação conceitual está expressa de maneiras muito distintas, como, por exemplo, na conhecida música de Caetano Veloso que diz que “não existe pecado do lado de baixo do Equador”.

A cultura, de igual forma, determina os comportamentos aceitáveis e os não aceitáveis no exercício do papel sexual. Tomemos como exemplo a cultura esquimó. Existe aí um tipo de ritual que estabelece que os homens esquimós devem oferecer o que de melhor possuem às pessoas que os visitam. Assim, eles oferecem a própria esposa para dormir com o visitante, a fim de aquecê-lo. É um rito milenar da cultura esquimó. Entre nós, tal atitude seria vista como loucura, pois não há confiabilidade de que possa haver da parte do hóspede a intenção de só se aquecer. São questões culturais.

Dentro de uma cultura maior formam-se ainda subculturas, que estabelecem seus padrões de comportamento e seus

ONDE ELE APRENDEU ISSO?

conceitos sobre sexualidade, que, sem dúvida, influenciam na formação da personalidade dos filhos. Um exemplo clássico em nosso país são as populações de baixa renda que vivem em situações de miserabilidade social, às vezes em casebres de um ou dois cômodos, onde filhos e pais dormem todos juntos. Esses filhos, não raras vezes, presenciam o intercursos sexual dos pais. Pior ainda quando o pai se alcooliza, agride a mãe e depois a obriga a uma relação sexual. Certamente tais filhos vão associar sexo com agressividade, considerando-o como algo ruim, ao invés de algo bom e desejável; e muito provavelmente terão uma sexualidade desajustada na idade adulta.

A educação e os modelos que recebemos

Enquanto crescemos, nossas famílias nos vão ensinando o que é sermos seres sexuais. Vão nos ensinando nossos papéis sexuais desde a mais tenra infância, quer seja por modelo quer por educação formal. Os pais vão passando aos filhos a forma como eles esperam que a criança deve se comportar nessa área.

Os modelos vão sendo aprendidos por imitação ou por condicionamentos daquilo que os pais julgam ser pertinente a cada papel sexual. Por exemplo: se é menino, deve aprender os jogos de força, buscar atividades que demandem energia física; se é menina, deve fazer ensaios de maternidade com suas bonecas. E assim vão-lhes passando tantos outros componentes que fazem parte do imaginário social no que se refere ao exercício de tais papéis.

Tais condicionamentos se iniciam antes da concepção, quando os pais ainda têm expectativas sobre o sexo do filho que está por nascer. Comentam as formas como vão educar os filhos e como esperam que estes venham a comportar-se após o nascimento. Um grande amigo meu, psicólogo mineiro, falava jocosamente sobre a conduta

MACHO E FÊMEA OS CRIOU

do filho recém-nascido: "Esse é mineiro e dos bons: não vai comer mel; vai chupar abelha!" Frase que, apesar da brincadeira, reflete o imaginário social, que muitas vezes passamos aos filhos sem mesmo nos apercebermos. São linguagens não-verbais, olhares, expressões faciais de aprovação ou desaprovação da conduta, que vão modelando os valores da criança.

Atendi certa ocasião uma pessoa que tinha conduta homossexual. Ao entrevistá-lo, ele me relatou que, quando nasceu, havia expectativa dos pais de que ele fosse uma menina. Frustrada por ver nascer um menino, a mãe resolveu, mesmo assim, educá-lo com toda uma série de condutas segundo o estereótipo cultural do papel feminino. Assim, ele era poupado de toda e qualquer atividade que requeresse força física, sendo-lhe ensinado fazer coisas culturalmente próprias de mulher, como bordar, fazer crochê, lavar louça e limpar casa; e foi vestido com roupas femininas. Cresceu em meio a uma confusão de papéis, mas com a mente sempre direcionada ao papel feminino. Quando chegou à adolescência e tomou maior consciência de seu corpo, teve um choque. Tinha mente feminina, mas num corpo masculino. Entrou então num enorme conflito: não sabia ao certo qual era sua identidade sexual. Desenvolveu com isso comportamento homossexual, não obstante repudiasse tal conduta. A educação recebida dos pais foi decisivamente nociva à sua sanidade emocional no que concerne à sexualidade.

Mas existem formas não tão explícitas de condicionar a identidade sexual. Por exemplo, a maneira como tratamos os temas pertinentes no convívio familiar. Existem pais extremamente ansiosos no tocante à área. Tratam as mínimas questões levantadas pelos filhos como se fossem segredos de Estado. São pais que entram em pânico diante de perguntas simples dos filhos relativas a sexo. Logo compram enciclopédias de educação sexual, sentam-se ao lado dos

ONDE ELE APRENDEU ISSO?

filhos e fazem altas leituras de conteúdo científico, as quais, na maioria das vezes, estão fora do alcance cognitivo-emocional da criança.

Há famílias que, ao contrário, não providenciam literatura adequada nem conversam sobre o assunto, abordando-o somente quando acontece na família algo sério, como uma gravidez indesejada ou um estupro, ou uma situação na qual seja inevitável a conversa. Tarde demais! Lembro de que, certa ocasião, encontrava-me num carro em companhia de um senhor idoso, ao volante, e seu neto de aproximadamente 10 anos, quando de repente paramos numa esquina onde um casal de cachorros copulava. A criança perguntou ao avô o que faziam aqueles animais, mas este tratou de desconversar, dizendo que não tinha visto cachorro nenhum... e seguiu o carro a toda velocidade.

O inverso dos pais que querem explicar tudo são aqueles que nada explicam e aqueles que negam ou postergam o diálogo sobre o tema. Acham que, agindo assim, irão resolver o problema.

Creio que nenhuma dessas posturas é a ideal. Devemos, sim, ao ser perguntados pelas crianças acerca da sexualidade, dar respostas que elas possam absorver no nível de sua maturidade cognitiva e emocional. Desrespeitar qualquer dessas áreas é violentar a criança no seu processo de caminho à maturidade. Essa é a razão por que, de certa forma, sou contrário à educação sexual na escola, visto que a escola parte da premissa errônea de que todas as crianças se encontram no mesmo nível de maturidade cognitiva e, especialmente, emocional. Como saber se a resposta dada a determinada questão foi adequada? Tenho um princípio simples para solucionar o assunto: vá a partir das respostas mais simples até chegar às mais elaboradas. Se a criança não estiver satisfeita com sua resposta, ela irá emitir sinais dessa insatisfação, quer levantando outra pergunta, quer mediante expressões faciais nítidas ou algo do gênero. Mas na hipótese